

# *Itens Derivados de Nomes de Líderes Políticos da América do Sul<sup>1</sup>*

ITEMS DERIVED FROM NAMES OF SOUTH AMERICA POLITICAL LEADERS

Eduardo Tadeu Roque **AMARAL** \*

**Resumo:** Neste trabalho, apresenta-se uma análise de derivados de nomes de líderes políticos da América do Sul. A pesquisa está baseada em estudos de Deonomástica, na linha de Monjour (2002), Rainer (1999; 2007; 2009), Santiago y Bustos (1999) e Schweickard (1992). Os dados foram coletados por meio de busca eletrônica em jornais virtuais. Os nomes próprios utilizados para a busca pertencem às seguintes personalidades: Cristina Kirchner (Argentina), Miguel Piñera Echenique (Chile), Álvaro Uribe (Colômbia) e José Alberto Mujica (Uruguai). Também foram observados os derivados do nome próprio *Lula* no jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. A análise revelou que existe uma grande quantidade de formas derivadas dos nomes pesquisados, mas que são formadas por um número reduzido de sufixos. Predominam em todos os países os derivados em *-ismo* e *-ista*. Mas também encontramos casos com *-ato*, *-esco*, *-iano*, e *-izar*. Nos dados do português, encontramos também exemplos com *-ês* e com *'-logo*.

**Palavras-chave:** Nomes próprios; Sufixos; Deonomástica.

**Abstract:** In this study an analysis is presented of the derivatives of political leaders' names in South America. Research is based on studies of Deonomastics, following the studies of Monjour (2002), Rainer (1999; 2007; 2009), Santiago y Bustos (1999) and Schweickard (1992).

---

<sup>1</sup> Apoio: *Programa de Auxílio à Pesquisa de Doutores Recém-Contratados*.

\* Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Doutorado em Letras (Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) pela Universidade de São Paulo (2008). Docente da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: [eduardamaralbh@uol.com.br](mailto:eduardamaralbh@uol.com.br)

Data was collected by means of electronic research in digital newspapers. The proper names used in the research belong to the following personalities: Cristina Kirchner (Argentina), Miguel Piñera Echenique (Chile), Álvaro Uribe (Colombia) and José Alberto Mujica (Uruguay). Derivatives of the proper name *Lula* in the Brazilian newspaper *Folha de S. Paulo* were also observed. Analysis revealed that there are a great number of forms of derivatives of the names under research, but they are formed by a small number of suffixes. In all the countries the derivatives ending in *-ismo* and *-ista* are the ones that predominate. However, we also found examples with *-ato*, *-esco*, *-iano*, and *-izar*. In the data in Portuguese, we also found examples with *-ês* and *'-logo*.

**Key-words:** Proper names; Suffixes; Deonomastics.

## Introdução

Embora os nomes próprios não façam parte do conjunto das entradas dos dicionários gerais de língua, sabe-se que seus derivados estão presentes nessas obras. Entre estes, encontram-se aqueles que são formados a partir do acréscimo de um sufixo, denominados por alguns autores de *deonomásticos*. Considerando, por exemplo, personalidades do mundo da política, uma consulta a dois dicionários recentes, um de língua espanhola (MOLINER, 2008) e outro de língua portuguesa (DEHLP, 2009), revela que, no primeiro, encontramos itens como *bonapartismo* e *bonapartista* (de Napoleão Bonaparte); *castrismo* e *castrista* (de Fidel Castro); *hitleriano* e *hitlerismo* (de Adolf Hitler). No segundo, encontramos as mesmas formas, além de *hitlerista*, como derivado de Hitler, e *fidélismo* como sinônimo de *castrismo*.

Todos esses derivados foram formados a partir do nome de pessoas que tiveram grande influência no pensamento e nas ações políticas de determinados grupos sociais. Suas ideias continuam a ser discutidas em diferentes áreas do conhecimento e, por isso, compreende-se que os derivados de seus nomes sejam recorrentes no uso e façam parte do conjunto de entradas dos dicionários. A formação desses itens derivados se dá por meio de acréscimo de sufixos aos nomes próprios, geralmente ao sobrenome pelo qual a pessoa se faz conhecida, mas não exclusivamente – há casos de derivados dos prenomes, como se vê em *fidélismo*.

Esse tipo de formação também pode ser observado com nomes de pessoas contemporâneas, principalmente pelas que se tornam conhecidas seja por seus pensamentos, obras, ações, etc.. Para este trabalho, selecionamos cinco chefes de nações da América do Sul para verificar a produtividade da criação de derivados a partir dos seus nomes. A hipótese é que a exposição pública dos políticos possibilita o surgimento de formas que têm como base seus sobrenomes (e, mais raramente, seus prenomes). O objetivo deste texto é, portanto, relacionar e discutir principalmente os aspectos morfológicos e semânticos dos casos encontrados. As discussões podem ser incluídas no conjunto de estudos de Deonomástica, na linha de Monjour (2002), Rainer (1999; 2007; 2009), Santiago y Bustos (1999), Schweickard (1992). A seguir, retomamos alguns pontos teóricos importantes para a análise.

## 1 Aspectos teóricos

Como exposto acima, este trabalho se enquadra no conjunto de estudos de Deonomástica. A respeito do uso desse termo, convém, inicialmente, retomar o que Schweickard (1992, p. 3) expõe. De acordo com o autor, ao se falar em *deonomástica*, em primeiro lugar, faz-se nítido que o estudo dos derivados de nomes próprios pertence à Onomástica e, em segundo lugar, o prefixo *de-* sugere o tema da pesquisa (derivados). Além do mais, ainda segundo o autor, esse termo oferece possibilidades para a criação de palavras como a que designa os derivados em geral (formações deonomásticas) ou as mais específicas, como *substantivos/adjetivos deantroponímicos*, *substantivos/adjetivos detoponímicos*, etc.. Finalmente, o termo não apresentaria complicações em outras línguas: *deonomastik* (em alemão), *déonomastique* (em francês), *deonomástica* (em espanhol), entre outros. Portanto, neste trabalho, seguimos a tendência de utilizar o rótulo *Deonomástica* para o estudo dos derivados de nomes próprios e, como trataremos de antropônimos, utilizaremos *deantroponímicos* para seus derivados.<sup>2</sup>

Para a pesquisa empreendida, partimos da observação de sufixos já apontados como possíveis para a formação de derivados de nomes

---

<sup>2</sup> Cf. Boulanger e Cormier (2001) para uma discussão terminológica.

próprios. Em Rainer (1999, p. 4612), por exemplo, observam-se os seguintes sufixos (entre parênteses, encontram-se exemplos do próprio autor): *-ano/a* (*berceano*), *-ato* (*fidelato*), *-eño/a* (*velazqueño*), *'-eo/a* (*epicúreo*), *-és/a* (*mcluhanés*), *-esco/a* (*quevedesco*), *-í* (*alfonsí*), *-(i)aco/a* (*dionisiaco*), *-iano/a* (*freudiano*); *'-ico/a* (*aristotélico*), *-ida* (*beraclida*), *-ino/a* (*alfonsino*), *-ista* (*hitlerista*), *-ita* (*amonita*), *-uno/a* (*gonçaluno*).<sup>3</sup> Verificamos ainda a possível presença de substantivos formados a partir de *-ismo* (SANTIAGO; BUSTOS, 1999) e de derivados criados pelo acréscimo de outros sufixos como *-ístico/a*, *'-logo/a* e *-oide*. Também foi observada a produtividade de verbos no infinitivo formados com *-ear* e *-izar*. Nos dados do português, ainda se verificou uma possível presença de derivados com *-ada*, *-agem*, *-ândia*, *-eiro*, *-ete*, *-ice* – a maioria desses já havia sido encontrada em deantroponímicos citados por Sandmann (1988): *malufada*, *malufagem*, *brizolândia*, *malufeiro*.<sup>4</sup>

Ao comparar dados do espanhol e do catalão, Cabré et al. (2000, p. 198) observam que os sufixos mais produtivos coincidem nos *corpora* analisados (lexicográfico e neológico) e em ambas as línguas. As autoras relacionam *-ismo*, *-ista* e *-iano* (e seus correspondentes em catalão) como sendo os mais produtivos. Embora este trabalho não apresente dados quantitativos, veremos que coincidências também poderão ser identificadas entre o espanhol e o português.

Santiago e Bustos (1999), ao tratar de *-ismo*, argumentam que o grupo mais numeroso de derivados se caracteriza por expressar opiniões ou posicionamentos que poderiam ser políticos, econômicos, religiosos ou filosóficos, científicos, etc.. Entre os exemplos, estão os seguintes deantroponímicos: *aristotelismo*, *kantismo*, *darwinismo*, entre outros. Os autores também afirmam: “es propio de la jerga lingüística la utilización de este sufijo para designar procesos lingüísticos (*anglicismo* [...]), sus resultados (*americanismo* [...]).” (SANTIAGO; BUSTOS, 1999,

---

<sup>3</sup> Alguns autores não diferenciam *-ano* de *-iano*. Pharies (2002), por exemplo, inclui *-iano* na entrada de *-ano*. Rainer (2009), por outro lado, é um dos autores que diferenciam tais sufixos, postura que também se adota neste trabalho.

<sup>4</sup> Para a coleta dos derivados, foram consideradas sempre, quando existentes, as variantes de gênero e número. Assim, por exemplo, para *-esco*, foi verificada também a existência de formas terminadas em *-escos*, *-esca* e *-escas*.

p. 4570). Verificamos, neste trabalho, a presença de derivados em *-ismo* com semelhantes interpretações.

Os mesmos autores, ao tratar de *-ista*, propõem agrupar os derivados em quatro blocos, entre os quais estaria aquele em que os itens designam convicções políticas, religiosas ou filosóficas, científicas, artísticas, entre outros (*centrista, humanista, etc.*) e aquele em que designam participantes ou membros de um grupo (*asambleísta, congresista, etc.*). Embora os exemplos de Santiago e Bustos (1999, p. 4572) não sejam propriamente de deantroponímicos, podemos verificar se tais grupos se aplicam nos dados coletados para esta pesquisa. Destaque-se, ademais, que existe uma relação estreita entre *-ista* e *-ismo*. Pharies (2002, p. 358), ao comentar a evolução desses sufixos, afirma que, aos derivados em  $-\iota\sigma\tau\epsilon\varsigma$  do grupo que engloba ‘partidário de’ corresponde quase sempre um substantivo em  $-\iota\sigma\mu\iota\varsigma$  para designar a prática ou doutrina. Seu exemplo é  $\Lambda\alpha\kappa\omega\nu\iota\sigma\tau\epsilon\varsigma$  (partidário dos lacônios, imitador dos lacônios) /  $\Lambda\alpha\kappa\omega\nu\iota\sigma\mu\iota\varsigma$  (imitação dos lacônios).

A respeito de *-iano* no espanhol, Rainer (2009) sustenta que seu uso relacional com nomes próprios teria sido reintroduzido a partir da Idade Média mediante empréstimos do latim e que, hoje em dia, o uso deantroponímico do sufixo é o mais produtivo (cf. também Rainer, 1999, p. 4621). Em trabalho anterior, Rainer (1999, p. 4611) havia afirmado que *-iano/a* é o sufixo *por defecto* para os derivados de nomes de pessoa (ex. *clintoniano*), mas que, no campo da política, *-ista* competiria com *-iano* por esse status, como em *castrista* (de Castro). Em Amaral (2009), encontrou-se uma tendência para *-ista* no campo da política. Neste trabalho, verificamos, nos dados coletados, se é possível comprovar essa produtividade de *-iano* ou se *-ista* seria mais produtivo.

Ao tratar de *-esco*, Rainer (1999, p. 4621) defende que este sufixo se encontra quase somente no campo da arte, como em *celetinesco* e *petrarquesco*. Pharies (2002) recorda que, na análise semântica de Malkiel (apud PHARIES, 2002, p. 237), este autor havia identificado, por um lado, derivados do campo da arte e, por outro, entidades consideradas como exóticas ou pouco convencionais. Cabré et al. (2000, p. 200) destacam o caráter pejorativo de *-esco* e afirmam que, por isso, se reserva, em muitos casos, a nomes de autores que se afastam da “norma clássica”, como em *quevedesco* e *valleinclanesco*. Poderemos observar, neste artigo, se o encontramos ou não com nomes de líderes políticos e, em

caso positivo, se produzem adjetivos cujo sentido também seria pejorativo ou relacionado a algo exótico.

Rainer (2007, p. 252) estuda a presença do sufixo *-ato* na imprensa espanhola atual e, conforme o autor, este sufixo “goza de una notable productividad sobre todo en un patrón que todavía no está representado en los diccionarios generales [...] en el nuevo patrón el sufijo se agrega a nombres propios”. Ainda segundo Rainer, este uso de *-ato*, que é bastante recente, teria nascido no México durante a primeira metade do século XX e, dali, teria se difundido primeiro pela América Latina antes de chegar à Espanha nos anos oitenta e, principalmente, noventa. Em vários exemplos apresentados pelo autor, o indivíduo que serve de base para o derivado aparece na sua função de presidente de um país: *aznarato* (de José María Aznar), *adolfato* (de Adolfo Suárez), *gonzálato* (de Felipe González). Ao comentar dados sobre Argentina, Rainer (2007, p. 257) defende que, a partir dos anos 70, a popularidade do sufixo viria aumentando continuamente. Em seus exemplos estão, por exemplo: *videlato* (de Jorge Videla), *menemato* (de Carlos Menem), *kirchnerato* (de Néstor Kirchner). Um dos objetivos deste trabalho também é o de verificar se, nos dados coletados, o sufixo *-ato* aparece com essa produtividade exposta por Rainer (2007).

A maior parte dos sufixos citados no início dessa seção não é considerada como produtiva para a formação de deantroponímicos. Por esse motivo, seus aspectos teóricos não serão discutidos nesta seção. De qualquer forma, durante a análise, outros pontos teóricos serão introduzidos levando-se em conta os dados coletados. A seguir, vejamos os principais aspectos relativos à metodologia da pesquisa.

## 2 Aspectos metodológicos

Os políticos dos países de língua espanhola cujos nomes serviram de base para a pesquisa são: Cristina E. Fernández de Kirchner (Argentina), Miguel J. S. Piñera Echenique (Chile), Álvaro Uribe Vélez (Colômbia) e José Alberto Mujica Cordano (Uruguai). Os antropônimos que serviram para análise são os seguintes: *Cristina*, *Piñera*, *Uribe* e *Mujica*. A maioria deles, como se vê, são sobrenomes dos políticos. No entanto, *Cristina* é prenome da presidente da Argentina e foi usado na pesquisa uma vez que seu sobrenome, *Kirchner*, coincide

com o do seu ex-marido, que já possui várias formas derivadas. Essa questão será retomada durante a análise das ocorrências da Argentina.

Os dados foram coletados por meio de busca eletrônica em textos publicados durante o período de dois anos, entre 1º de setembro de 2008 e 31 de agosto de 2010, nos seguintes veículos: *La Nación* (Argentina),<sup>5</sup> *El Mercurio* (Chile), *El Tiempo* (Colômbia) e *El País* (Uruguai). A título de comparação, e a exemplo do que fazem Cabré et al. (2000) ao contrastar duas línguas, foram observados também os derivados do nome próprio *Lula* no jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. A escolha dos jornais ou portais foi guiada por: a) abrangência nacional em cada país; b) disponibilidade de instrumentos de busca. O segundo ponto teve grande importância, já que não são muitos os veículos de abrangência nacional que oferecem um sistema de busca on-line para a localização de palavras durante um período determinado.

Como é possível observar, os políticos são ou foram Chefes de Estado dos respectivos países. Como foi critério de busca o mesmo espaço de tempo para todos os veículos da imprensa, obviamente esse período não coincide exatamente com o período completo de permanência de Piñera e Mujica na presidência. Entretanto, esse fato não invalida a coleta, uma vez que, mesmo não ocupando a presidência durante todo o período citado, eles já faziam parte do cenário político do país a que pertencem. No caso de Piñera, por exemplo, já havia sido candidato em 2005 e seu nome já aparecia em pesquisas no ano de 2007 (ENCUESTA, 2007). De modo similar, Mujica, no final de 2008, já havia sido escolhido como candidato para as eleições (EL FA, 2008). No quadro abaixo, pode-se visualizar as datas de início e término do mandato de cada presidente.

---

<sup>5</sup> Desse jornal, consideraram-se apenas os textos publicados pelo próprio veículo, isto é, não foram considerados na análise os comentários dos leitores sobre os textos publicados. Essa decisão deve-se muito mais ao fato de ser difícil controlar a origem do autor do comentário, do que às possíveis formas de derivados encontrados nos comentários. De fato, é o espaço onde mais se encontram diversidade de deantroponímicos. Por isso, sugerimos que uma futura análise seja feita com dados desse gênero para que se possa observar em que medida os resultados coincidem ou não com os que encontramos.

## Quadro 1 – Dados dos políticos e dos seus mandatos

País	Presidente	Antropônimo usado para busca	Data de início de mandato	Data de término de mandato
Argentina	Cristina E. Fernández de Kirchner	Cristina	10/12/2007	---
Chile	Miguel J. S. Piñera Echenique	Piñera	01/03/2010	---
Colômbia	Álvaro Uribe Vélez	Uribe	07/08/2002	07/08/2010
Uruguai	José Alberto Mujica Cordano	Mujica	11/03/2010	---
Brasil	Luiz Inácio Lula da Silva	Lula	01/01/2003	31/12/2010

### 3 Análise dos dados

#### 3.1 Argentina

Os primeiros resultados que apresentamos são os da Argentina. A presidente atual do país se chama Cristina Elisabet Fernández de Kirchner. Ao contrário do que ocorre com os outros políticos deste estudo, geralmente não é referida pelo seu primeiro sobrenome (*Fernández*), nem pelo segundo, que coincidiria com o do seu ex-marido (*Néstor Kirchner*). Como a presidente não é referida por *Fernández*, naturalmente não se favorece a criação de derivados a partir desse antropônimo. De fato, no corpus pesquisado, não se identificou nenhuma ocorrência de deantroponímico a partir do nome *Fernández*. Vejamos então os derivados formados com a base *Cristina*.

Identificamos derivados de *Cristina* formados com *-esco*, *-ismo* e *-ista*. Sobre o primeiro sufixo, o exemplo (1) apresenta *crístinesca* em um contexto em que se aborda a literatura cervantina. Por esse motivo, pode-se facilmente associar a utilização de *crístinesca* com *cervantesco* ou *quijotesco*, itens estes que estão inclusive dicionarizados.

(1) “Recordaba a Cervantes, cuando le decía a Sancho: «Ladran, Sancho, señal que cabalgamos». Lo voy a adaptar a una versión **crístinesca**: «Ladran Sancho, señal que son perros».”, lanzó la Presidenta, parafraseando una frase frecuentemente atribuida a Don Quijote, de Miguel de Cervantes. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1232147](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1232147))

Por outro lado, já não há contexto semelhante no exemplo (2), em que se fala de moda e se caracteriza o *guardarropa* da presidente como *crístinesco*, construindo-se uma crítica negativa. Nesse sentido, é possível propor para o adjetivo um traço semântico ligado a ‘exotismo’, tal como se atribui ao sufixo *-esco*, conforme comentado anteriormente.

(2) Hay algo de estilo congreso nacional demodé y ochentoso (literal) en buena parte del guardarropa **crístinesco** de estos doce meses, cuya filosofía coincide con la de su gestión: cuanto más de todo, mejor. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1077010](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1077010))

Com relação ao sufixo *-ismo*, veja-se o exemplo seguinte, em que se produz o derivado *crístinismo* logo após a ocorrência de *kirchnerismo*, forma derivada do sobrenome do seu marido e que já denota, na imprensa argentina em geral (mas não exclusivamente), uma corrente política.

(3) El propósito es obvio: las encuestas vienen medio escoriadas, ha de ser difícil cosechar en las urnas la indispensable cantidad de votos para que el kirchnerismo –tendencia que involucra al **crístinismo**- no dé muestras de encaminarse al ocaso. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1095069](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1095069))

O outro sufixo que se mostrou produtivo no corpus argentino é *-ista*, exemplificado em (4). Observe-se que é utilizado para criar adjetivo com sentido de adepto a uma determinada atuação política, ou, mais especificamente, a uma forma de governo (a de Cristina Kirchner).

(4) En la entrevista con Enfoques, Blaquier se confiesa “**cristinista**” porque “pocos gobiernos han defendido tanto a la industria nacional”. Y admite que no comparte algunas políticas del kirchnerismo, como los controles de precios, pero que las acepta porque “es como el matrimonio, donde siempre hay cosas que molestan”. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1287761](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1287761))

Veja-se também o exemplo seguinte, em que se utiliza *cristinista* após uma série de derivados de nomes próprios, os quais possuem uma interpretação semelhante à que foi verificada acima. Estão formados a partir de nomes de políticos argentinos: Carlos Grosso, Mauricio Macri, Jorge Telerman e Julio Miguel de Vido.<sup>6</sup> Este exemplo contribui para a hipótese da alta produtividade de *-ista* na derivação de nomes de políticos da língua espanhola contemporânea.

(5) Pero la versatilidad de Schiavi no se agota en este doble salto mortal, de opositor a oficialista. A la largo del tiempo, su biografía política vuelve a deparar otras mutaciones, no menos impactantes: después haber sido simpatizante montonero, fue **grossista**; luego, **macrista**, más tarde **telermanista** y, finalmente, **devidista**. E incluso, muchos aseguran haberlo escuchado, últimamente, bastante **cristinista**. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1269677](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1269677))

Embora os derivados do antropônimo Kirchner, sobrenome da presidente, tenham se iniciado a partir do nome do ex-presidente Néstor Kirchner, vale a pena destacar que esse é um nome próprio que produz uma grande quantidade de deantroponímicos. Como comprovação desse dado, observamos que, no corpus pesquisado, há

---

<sup>6</sup> Observe-se o exemplo *devidista*, formado a partir de *preposição + sobrenome* (de Vido). Esse processo de criação de derivados de antropônimos é frequente na língua espanhola, tal como mostram outros exemplos: *decareana* (de Julio de Caro); *delasotismo* (de José Manuel de la Sota) e *delaruista* (de Fernando de la Rúa), comentados por Amaral (2009).

derivados com *-ato*, *-iano*, *-ismo*, *-ista*, *-izar* e *'-logo*. Sem dúvida alguma, a grande maioria dos derivados se concentra em *-ismo* e *-ista*: no corpus, são dezenas de milhares de ocorrências. A respeito do primeiro sufixo, *-ato*, o exemplo identificado em (6), *kirchnerato*, segue a tendência já identificada por Rainer (2007). Sobre o último, observe-se abaixo o exemplo com *kirchnerólogo*, em que o derivado destacado significa ‘conhecedor de Néstor Kirchner’:

(6) Las peripecias protagonizadas por los medios en estos últimos años -y que ha llegado a la exasperación de una nueva ley- es también la historia del **kirchnerato** y del país. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1209310](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1209310))

(7) Tampoco minimiza el hecho de que, a poco de lanzar la movida Kirchner 2011, él mismo se enamoró de la idea y que todavía lucha por alcanzar la cifra mágica del 40 por ciento para ganar en primera vuelta. Sin embargo, el **kirchnerólogo** explica: “Néstor no come vidrio. No me lo imagino compitiendo para presidente y perdiéndolo todo. Además, ahora Cristina tiene dos argumentos de peso: que ella está mejor en las encuestas y que su marido correría un enorme riesgo si se somete otra vez al estrés presidencial”. ([http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1312020](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1312020))

### 3.2 Chile

Nos dados do Chile, os derivados se concentram em *-ismo* e *-ista*. Há apenas uma ocorrência com derivado verbal na sua forma de infinitivo. Em (8), o sufixo *-ismo* forma, a partir do sobrenome *Piñero*, um derivado prototípico (*piñerismo*), com o significado de ‘desempenho ou atuação política’ do portador do nome próprio:

(8) El recién elegido presidente de la Democracia Cristiana, Ignacio Walker, advierte en este diario, en la edición del día sábado 4 de septiembre, que “el **piñerismo** logró captar el centro político porque nosotros lo dejamos de representar”. (<http://diario.elmercurio.cl/detalle/index.asp?id={769b98b1-2b4f-435d-99a6-b6d5c2d30c46}>)

Em (9), os derivados destacados se referem a partidários ou opositores a esse desempenho.<sup>7</sup> Já em (10), o adjetivo não mais caracteriza um partidário, mas um estilo de atuação. Destaque-se que um dos contextos de utilização de derivados de antropônimos parece ser acompanhando o substantivo *estilo*, embora seja comum, também, conforme apontado por Amaral (2008) e Fernández Leborans (1999, p. 110), que se encontre o próprio antropônimo posposto ao nome *estilo*.

(9) Esta semana estuve en varios cafés del centro (a no más de dos cuadras a la redonda de La Moneda) y dos cosas me llamaron la atención: una, la enorme cantidad de ex funcionarios de la Concertación ocupando mesas en horario de oficina en establecimientos del barrio cívico, y dos, el pelambre (entre **piñeristas, neopiñeristas y antiñeristas**) de que el Presidente habla en exceso, que aparece demasiado en los medios y que está sobre-expuesto. (<http://diario.elmercurio.cl/detalle/index.asp?id={87489dca-652a-4f55-9545-9531f6ab95fd}>)

(10) Al interior de La Moneda reconocen que a algunos el estilo **piñerista** de imponer metas les ha traído réditos, como al ministro de Educación, Joaquín Lavín, quien al percatarse de que alcanzaba la meta de tener las escuelas funcionando llamó a la Presidencia pidiendo nuevas tareas concretas. (<http://diario.elmercurio.cl/detalle/index.asp?id={ece72a7d-d2a8-4a02-9a27-14b423ede8f4}>)

O último exemplo dos dados do Chile que será comentado é o verbo formado por *-izar*: *piñerizar*, com o sentido de ‘modificar algo [*el Consejo*] com base no modo de atuação de Piñera’. Apesar de ser a única ocorrência verbal no corpus chileno, sua presença funciona como um indicador para uma possível existência de formas não finitas – a busca por essas formas, contudo, não foi realizada para este trabalho.

---

<sup>7</sup> Observe-se que prefixos são usados para formação de novos derivados. Neste trabalho, contudo, não abordaremos a produção por acréscimos de prefixos.

(11) Para la directiva UDI es importante no “**piñerizar**” el Consejo con discusiones sobre la campaña presidencial, sino que sea un espacio para hablar sobre “la identidad partidaria”. (<http://diario.elmercurio.cl/detalle/index.asp?id={de3306f1-17a8-44b4-bd2b-4020afe879cb}>)

### 3.3 Colômbia

Entre os países de língua espanhola, os dados da Colômbia são os que revelaram maior diversidade de sufixos. No *El Tiempo*, encontramos derivados em *-ato*, *-esco*, *-iano*, *-ismo* e *-ista*.<sup>8</sup>

O exemplo (12) está formado com *-ato* e segue a tendência identificada por Rainer (2007) de formação de derivados a partir de nomes de presidentes. Neste caso, o substantivo deantroponímico refere-se ao período de governo de Uribe, adquirindo sentido de regime autoritário. Além do mais, este exemplo colombiano, ao lado dos exemplos do México, Cuba e Argentina de Rainer (2007), colabora para mostrar a produtividade atual do sufixo.

(12) La última trampa que se cocina para alargar el **uribato** consiste en reducir el censo electoral: si las cifras no pasan el muro, pues bajamos el muro. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-6028410>)

Sobre as ocorrências com *-esco*, vejamos as que estão a seguir. Em (13), o adjetivo *uribesca* é utilizado para caracterizar uma expressão linguística, a qual mantém relação com o discurso do ex-presidente, conforme explicado pelo autor do exemplo: “La alusión tiene que ver con la tendencia del expresidente Uribe a hablar con símiles y refranes repletos de alusiones agropecuarias: el burro terco, la mula atollada, los

---

<sup>8</sup> A ocorrência seguinte apresenta um derivado com *-logo*, mas não estava no período de publicação escolhido para a coleta de dados – é uma ocorrência de 18/05/05:

(i) Razón tienen los **uribólogos** al decir que el peor enemigo de Uribe es Uribe mismo. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1958116>)

tres huevitos en el nido, etc.”.<sup>9</sup> O adjetivo de (14), conforme também explicado pelo autor do exemplo, introduz traços de ironia e escárnio.<sup>10</sup>

(13) Si me permiten la expresión algo **uribesca**, hay que repartir mejor la marrana. Ojalá este gobierno, que con tan buen pie comienza, señale el camino para conseguirlo. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-4098429>)

(14) Hay una ilusión de espontaneidad en las apariciones **‘uribescas’** en televisión, que genera dudas sobre el alineamiento de los medios con el Presidente. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3092901>)

A respeito de *-iano*, embora seja um sufixo bastante frequente para formação de deantroponímicos, é considerado mais produtivo em áreas diferentes da política. Isso talvez explique o fato de que o adjetivo em (15) é utilizado para caracterizar um nome relacionado à linguagem ou ao discurso (retórica) e pertencente a diversas áreas do conhecimento.

(15) Así como existe una insoportable retórica **uribiana** con apelaciones a la Patria y el amor por la bandera, hora es de reconocer la gracia con que maneja el discurso agropecuario. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7787802>)

Como se vê, a presença de derivados em *-ismo* (16) e *-ista* (17) se revela geral nos dados de diferentes países. Esse é o caso também para o sobrenome do político colombiano. Observe-se que, em (17), os adjetivos (*uribista* e *santista*) formados a partir de antropônimos servem para o questionamento sobre a posição de Armando Benedetti como partidário ou apoiador das ideias de Álvaro Uribe e de Juan Manuel Santos, sucessor de Uribe na presidência.

---

<sup>9</sup> Daniel Samper Pizano, em comunicação pessoal, por e-mail.

<sup>10</sup> Omar Rincón, em comunicação pessoal, por e-mail.

(16) Sin duda, Fernando Londoño fue uno de los ministros más polémicos: se enfrentó a las cortes, les dijo a los congresistas que los colombianos se preguntarían qué clase de cigarrillos estarían fumando y tuvo que enfrentar el escándalo de Invercolsa. Salió del Gobierno cuando trató de plantearle una encerrona a la coalición del **uribismo**. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7822418>)

(17) ‘Mantendré la capacidad de crítica’ Usted [Armando Benedetti] fue un **uribista** pura sangre ¿ahora será un **santista** pura sangre? Yo siempre fui **uribista** pero eso nunca se hizo extensivo a ningún miembro del gobierno del presidente Uribe. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7818146>)

Por fim, nos dados da Colômbia, embora não tenha sido identificada nenhuma forma verbal infinitiva com *-izar* (uribizar), veja-se o exemplo abaixo, em que o derivado aparece conjugado no imperfeito do subjuntivo, com o sentido de “fazer algo à maneira de”:

(18) Bastó que el criticado J. J. Rendón **uribizara** aún más la campaña, sacando el apellido Santos de todo escenario, para que la adhesión al candidato creciera, a tal punto, que Santos está a un paso del Palacio de Nariño. (<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7739670>)

### 3.4 Uruguai

O corpus do Uruguai foi o que se revelou com menos casos de derivados. Como não estamos fazendo uma análise quantitativa, não podemos medir a proporção, mas o interessante é observar que os dados do *El País* do Uruguai revelam ocorrências com os dois importantes sufixos já comentados: *-ismo* e *-ista*.

Em (19), encontramos um caso com *-ismo* tal como vimos examinando. Mas o exemplo seguinte, (20), mostra um uso diferente: *-ismo* é acrescido ao nome próprio para denotar uma construção linguística própria do portador do antropônimo. Nesse caso, o exemplo

se aproxima daqueles citados por Santiago e Bustos (1999), em que o nome em *-ismo* designa processo linguístico. O item *mujiquismo* denota uma expressão comum no discurso do portador do nome próprio que lhe serve de base.

(19) Vázquez nunca hubiera dicho cosas así, y si Astori no se contagió mucho del **mujiquismo**, creemos que tampoco. ([http://www.elpais.com.uy/09/09/19/predit\\_442929.asp](http://www.elpais.com.uy/09/09/19/predit_442929.asp))

(20) Nueva instancia donde se pudo ver importante número, no de “ricachones” (para usar un **mujiquismo**) sino de simples trabajadores asalariados que se presentaban ante los funcionarios de la DGI y se enteraban de que a pesar de haber aportado importantes sumas de dinero para el IRPF a lo largo de todo el año 2008, ahora se les informaba que debían a la autoridad impositiva decenas de miles de pesos más y que tenían que empezar a pagarlos antes del 13 de julio. ([http://www.elpais.com.uy/09/07/11/predit\\_428901.asp](http://www.elpais.com.uy/09/07/11/predit_428901.asp))

Entre os exemplos com *-ista*, podemos incluir o seguinte, no qual o adjetivo caracteriza os jovens partidários das ideias de Mujica.<sup>11</sup>

(21) Y el precandidato se afilia, suelto de cuerpo, a la tesis de que alcanza con encerrarlos, darles un pico y una pala, y hacerles un tratamiento compulsivo, lo que piensan muchas doñas María, pero que seguramente rechazan muchos jóvenes frentistas y **mujiquistas**, que deben haber quedado sorprendidos y decepcionados. (<http://www.elpais.com.uy/090514/pnacio-416993/nacional/votitos-seguros>)

---

<sup>11</sup> Note-se a coordenação com o derivado *frentista*, formado a partir do nome do partido político uruguayo *Frente Amplio*. O mesmo uso é comum em língua portuguesa. O DEHLP inclui, por exemplo, *peemedebista* (de PMDB) e *petista* (de PT).

### 3.5 Brasil

Em geral, os dados encontrados no jornal brasileiro não diferem muito do conjunto daqueles dos países de língua espanhola. Foram identificadas ocorrências com *-ês*, *-iano*, *-ismo*, *-ista* e *'-logo*. Na *Folha*, identificou-se o derivado *lulês*. Excetuando as ocorrências deste item que aparecem sempre em uma coluna de um mesmo jornalista (ex.: *O lulês é mais fácil que o inglês*), veja-se o exemplo abaixo, em que o substantivo derivado do nome próprio denota o falar do ex-presidente do Brasil:

(22) Lula comparou Dilma Rousseff a Nelson Mandela no programa de TV do PT, anteontem à noite. É um disparate. A comparação entre o próprio Lula e Jesus Cristo, de que ele tanto gosta, soa menos extravagante. Ou, para falar em **lulês**: Dentinho pode fazer um gol extraordinário, um gol de Pelé. Continuará sendo Dentinho... (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1505201003.htm>)

Na ocorrência seguinte, encontramos o derivado *luliano* caracterizando o período de governo de Lula.

(23) UMA DAS escassas e principais críticas de José Serra (PSDB) a Lula é dirigida ao estado das agências reguladoras. Segundo o principal candidato de oposição, no período **luliano** as agências foram ou inoperantes e/ou aparelhadas. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1706201007.htm>)

Vale a pena mencionar que o corpus apresentou 36 ocorrências com *-iano*, o que revela que, embora esse sufixo não seja de grande produtividade no âmbito político dos dados em espanhol, tal como destacamos acima, não são muito raros exemplos de *luliano* e variações em português.

As maiores ocorrências de derivados ficam, tal como vimos para os dados de espanhol, para os dados de *-ismo* e *-ista*, com preferência para este último. Os derivados *lulismo* e *lulista* estão bem presentes no corpus. Vejam-se os exemplos:

(24) A diferença no entanto não encobre o fato de que, depois de oito anos de **lulismo**, os controles se afrouxaram ao sabor das conveniências políticas e dos bons resultados macroeconômicos. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/fz2508201001.htm>)

(25) A distância entre Alckmin e Mercadante ainda é de 34 pontos. Aposta-se, neste momento, que o petista (como diria a campanha de Serra) ainda “pode mais”. Até porque, no atual ambiente de euforia **lulista**, se Mercadante ficar abaixo dos 32% que obteve em 2006, quando disputou a mesma vaga, terá protagonizado um fiasco histórico. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/fz2808201003.htm>)

Por último, encontramos, como nos dados da Argentina, a ocorrência (25), em que se constrói o par *lulólogo / lulologia*, remetendo a um *especialista* e à *especialidade* de estudos sobre Lula. De acordo com Pharies (2002, p. 387), grande parte das palavras espanholas terminadas em *-logo* “son neohelenismos recientes que denominan a los estudiosos que corresponden a las numerosas ciencias modernas terminadas en *-logía*”. A afirmação aplica-se também ao português e, a partir dessa ideia, observamos que, em tom irônico, é criado o item *Lulologia* e o substantivo correspondente *lulólogo*.

### (26) EREMILDO, O **LULÓLOGO**

Eremildo é um idiota dedicado à Lulologia, ou a busca da luz pelo estudo da vida de Nosso Guia. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2911200907.htm>)

## 3.6 Comparações

Nesta seção, passamos a comparar os resultados apresentados anteriormente. Considerando os dados relacionados aos presidentes do quadro 1 e as ocorrências encontradas no período definido anteriormente, obtemos o quadro a seguir, que inclui as formas derivadas encontradas tanto em espanhol quanto em português.

**Quadro 2** – Derivados encontrados nos *corpora*

	Argentina	Chile	Colômbia	Uruguai	Brasil
-ato			uribato		
-ês					lulês
-esco	crístinesco		uribesco		
-iano			uribiano		luliano
-ismo	crístinismo	piñerismo	uribismo	mujiquismo	lulismo
-ista	crístinista	piñerista	uribista	mujiquista	lulista
-izar		piñerizar			
'-logo					lulólogo

De modo geral, os dados revelaram que existe uma grande quantidade de formas derivadas dos nomes pesquisados, mas que essas formas se concentram em poucos sufixos. Em todos os países, ocorrem derivados em *-ismo* e *-ista*. Mas também encontramos casos com *-esco*, *-iano*, *-ato* e *-izar*. Nos dados do português, o corpus revelou exemplos com *-ês* (*lulês*) e com *'-logo* (*lulólogo*).

Com respeito aos sufixos mais produtivos, observamos que os dados deste trabalho diferem dos de Cabré et al. (2000, p. 198) no que se refere a *-iano*, sufixo que registrou derivados apenas nos dados da Colômbia e do Brasil. Isso se explica pelo campo semântico escolhido. Voltando às afirmações de Rainer (1999, p. 4611) citadas acima, vemos que *-iano* não pode ser considerado o sufixo *por excelência* para o campo da política. O autor afirmara que *-ista* competiria com *-iano* pelo status de sufixo *por defecto*, mas os dados mostram que, pelo menos no que se refere aos nomes dos presidentes, *-iano* não se confirma como bom candidato para a formação de derivados. É possível supor, pelo menos, que seja mais produtivo em português do que em espanhol, já que, como comentado, encontramos várias ocorrências de *luliano*.

Os derivados em *-ismo*, como apontado acima, podem designar opiniões ou posicionamentos políticos. Com os dados desta pesquisa, em que se trata de chefes de nação, é mais apropriado ver os derivados com este sufixo designando o conjunto das opiniões e atos tomados pelo portador do nome próprio em sua atuação política. Os derivados em *-ista* geralmente designam, como era esperado, partidários ou adeptos da atuação desses políticos. Mas, em uso como adjetivo,

expusemos um exemplo em que um derivado, *piñerista*, caracteriza um estilo de atuação (exemplo (10)), com interpretação *a modo de*, e outro um comportamento (euforia *lulista* – exemplo (25)). Note-se que, no primeiro caso, podemos parafrasear por “estilo de Piñera”, o que não acontece com o segundo, ou seja, não se trata da euforia de Lula, mas a favor de Lula.

A propósito de *-esco*, os exemplos com *cristinesco* e *uribesco*, embora poucos, puderam confirmar que traços semânticos relacionados com o exotismo, a ironia ou o escárnio podem estar associados aos derivados que contêm esse afixo.

O sufixo do português *-ês*, como se viu, foi utilizado para a formação de *lulês*, que denota o falar do ex-presidente Lula. Embora não se tenha encontrado nenhuma ocorrência com *-ês* no espanhol, vimos que, nos dados do Uruguai, aparece um derivado em *-ismo* (*mujiquismo*) que se refere à construção linguística caracterizada como própria de Mujica. Nesse sentido, observamos a possibilidade desse sufixo para designar processo linguístico, como apontado antes por Santiago e Bustos (1999, p. 4570).

Sobre a formação de verbos, levando-se em conta apenas a forma infinitiva, registramos um derivado em *-izar* somente no corpus chileno, o qual aparece inclusive entre aspas, o que sugere um destaque, por parte do autor, do seu caráter neológico. Apesar de não termos pesquisado formas finitas para todos os nomes próprios, acreditamos que, diferentemente da formação de deantroponímicos nominais, a criação de verbos seja algo bem mais esporádica.

Constatamos um exemplo com *'-logo* nos dados da *Folha de S. Paulo* (*lulólogo*) e vimos que, embora não tenha ocorrido com os nomes próprios objeto de pesquisa deste trabalho, aparece com o nome Kirchner (*kirchnerólogo*). Esses exemplos sugerem que esse sufixo deve ser incluído entre os possíveis formadores de derivados de nomes próprios, o que normalmente não se vê nos trabalhos sobre o tema. Com efeito, Hoppe (apud PHARIES, 2002, p. 387) já havia identificado neologismos baseados em nomes de lugar, como *kremlinólogo* (de Kremlin) e *pekinólogo* (de Pekín).

Rainer (1999, p. 4622) afirma que o uso de *-uno/a* para formar derivados de antropônimos parece ser uma especialidade colombiana (ej. *moraluna* – de *Morales*). No entanto, nos nossos dados, inclusive nos

da Colômbia, país cujos dados mostrou maior diversidade de sufixos, não foi encontrado nenhum derivado com esse sufixo. Possivelmente, existe um bloqueio por parte do antropônimo escolhido para a formação de derivados em *-uno/a*.

## Conclusões

A análise permitiu verificar diferentes formas derivadas dos nomes de líderes políticos da América do Sul. A presença de tais derivados pode ser explicada parcialmente pela grande exposição pública dos políticos, que são frequentemente citados nos meios de comunicação. Embora os trabalhos da área cite sempre vários sufixos usados na formação de derivados de nomes próprios, nem todos são produtivos com os nomes contemporâneos.

Os instrumentos de busca e a forma de apresentação dos exemplos diferem de veículo para veículo. Devido a diferentes limitações de cada jornal, não foi possível fazer uma análise quantitativa dos dados, o que poderia revelar números interessantes sobre a produtividade de cada sufixo. Acredita-se que, em trabalho posterior, utilizando ferramentas da linguística de corpus, seja possível apresentar uma análise quantitativa.

De qualquer forma, podemos afirmar que, no campo da política, *-ismo* e *-ista*, tanto em espanhol quanto em português, são os principais sufixos formadores de derivados de nomes próprios. Mas outros sufixos, como *-esco* e *-iano*, encontrados em derivados de mais de um país, são bons candidatos para a formação de itens lexicais a partir dos nomes de líderes políticos.

## Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito*. 2008. Tese (Doutorado em Letras – Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre epônimos e deonomásticos: processos de criação lexical a partir de antropônimos na língua espanhola. In: CONGRESSO

INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., João Pessoa, 2009. *Anais...*  
João Pessoa: Abralín, 2009. p. 3477-3486.

BOULANGER, Jean-Claude; CORMIER, Monique C. *Le nom propre dans l'espace dictionnaire général*: études de métalexigraphie. Tübingen: Max Niemeyer, 2001.

CABRÉ, María Teresa et al. Nombre propio y formación de palabras. In: WOTJAK, Berd (Ed.). *En torno al sustantivo y adjetivo en el español actual*: aspectos cognitivos, semánticos, (morfo)sintácticos y lexicogenéticos. Frankfurt am Maim: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 191-206.

DEHLP – Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-Rom.

ENCUESTA dice que Piñera supera a Lagos e Insulza en opción presidencial. *La Nación*, Buenos Aires, 28 abr. 2007. Disponível em: <[http://www.lanacion.cl/prontus\\_noticias/site/artic/20070428/pags/20070428113726.html](http://www.lanacion.cl/prontus_noticias/site/artic/20070428/pags/20070428113726.html)>. Acesso em: 10 jan. 2011.

EL FA eligió al Pepe Mujica. *Página 12*, 15 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-116723-2008-12-15.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*: edición electrónica, versión 3.0. Madrid: Gredos, 2008. 1 CD-Rom.

MONJOUR, Alf. Les formations déanthroponymiques en portugais. In: KREMER, Dieter (Org.). *Onomastik: Band V – Onomastik und Lexikographie Deonomastik. Akten des 18. Internationalen Kongresses für Namensforschung*. Tübingen: Max Niemeyer, 2002. p. 101-113.

NOVO dicionário Aurélio. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba: Positivo Informática, 2009. 1 CD-Rom.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales*. Madrid: Gredos, 2002.

RAINER, Franz. La derivación adjetival. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 4595-4643.

\_\_\_\_\_. De 'Porfiriato' a 'zapaterato'. *Lingüística Española Actual*, v. 29, n. 2, p. 251-259, 2007.

\_\_\_\_\_. La influencia latina, francesa e inglesa en el desarrollo del sufijo *-iano*. In: SÁNCHEZ MIRET, Fernando (Ed.). *Romanística sin complejos: homenaje a Carmen Pensado*. Bern: Lang, 2009. p. 237-256.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

SANTIAGO LACUESTA, Ramón; BUSTOS GISBERT, Eugenio. La derivación nominal. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 4505-4594.

SCHWEICKARD, Wolfgang. *'Deonomastik' Ableitungen auf der Basis von Eigennamen im Französischen (unter vergleichender Berücksichtigung des Italienischen, Rumänischen und Spanischen)*. Tübingen: Max Niemeyer, 1992.